



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

## O PSICÓLOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR<sup>1</sup>

### THE PSYCHOLOGIST IN THE HOSPITAL CONTEXT

Jéssica Michel Cardoso Gonçalves<sup>2</sup>, João Paulo Ames Pereira<sup>3</sup>, Ruhan Pieniz Brandão<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Seminário de Pesquisa Institucional desenvolvido no Departamento de Humanidades e Educação, pertencente ao componente curricular Psicodiagnóstico Clínico.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, [jessica.mcgoncalves@gmail.com](mailto:jessica.mcgoncalves@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmico do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, [jotapepereira92@outlook.com](mailto:jotapepereira92@outlook.com)

<sup>4</sup> Acadêmico do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, [ruhanpbrandao@gmail.com](mailto:ruhanpbrandao@gmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo contextualizar a atuação do psicólogo no âmbito hospitalar. Para tanto, propomos inicialmente uma breve distinção entre as correntes da Psicologia da Saúde e a Psicologia Hospitalar, com ênfase na última para contemplar o papel que o psicólogo exerce no determinado cenário. Por fim, foi apresentado os métodos e instrumentos que podem ser utilizados pelo profissional, na expectativa de exercer sua atuação profissional com o máximo de eficácia dentro das limitações impostas pelo contexto hospitalar.

**Palavras-chave:** Psicologia. Hospital. Saúde. Psicólogo.

### INTRODUÇÃO

Psicologia hospitalar é algo inexistente em vários países. Fora do âmbito brasileiro, a psicologia hospitalar é referenciada como “Psicologia da Saúde”. Tais conceitos se diferem um do outro. Quando falamos de saúde referenciamos um complexo conceito relacionado às funções orgânicas, físicas e mentais, ambas as psicologias contêm elementos que se cruzam em suas definições como a prática profissional centrada na intervenção primária, secundária e terciária (WHO, 2003 *apud* CASTRO, BORNHOLDT, 2003). Quando nos referenciamos a hospitais estamos lidando com a questão de prevenir os efeitos adversos que possam afetar um sujeito, sejam eles físicos, emocionais ou sociais. A principal diferenciação entre as duas é o local de aplicação que cada uma foca (CASTRO, BORNHOLDT, 2003).

Tanto a psicologia da saúde quanto a hospitalar estão relacionadas com os fatores biológicos, psicológicos e sociais, que influenciam na saúde e na doença, trazendo o conceito da aplicação clínica da psicologia para o âmbito médico. No entanto, esse processo de aplicação da clínica psicológica não deve ser transferido puramente em seu método



tradicional, ela precisa sofrer adaptação, já que a finalidade no âmbito hospitalar/saúde é dar ênfase principalmente aos aspectos físicos da saúde e da doença. Logo, o que classificaria um psicólogo clínico atuando na área da saúde seria mover o foco de aplicação clínica para além do seu consultório hospitalar fazendo um processo de prevenção de doenças nos âmbitos primários, secundários e terciários, podendo ser descrito como um processo de conscientização para os grupos denominados de risco quando relacionado a alguma doença em específico. Podemos ver que a psicologia da saúde também contém elementos para fora do âmbito hospitalar, incorporando características da psicologia comunitária quando comprometida em ir buscar a prevenção ou tratamento dos grupos listados como de risco (KERBAUY, 2002 *apud* CASTRO, BORNHOLDT, 2003; GORAYEB, 2010).

Estas são as definições estipuladas no âmbito mundial sobre o que seria psicologia da saúde. Já no âmbito nacional, compreende-se que a psicologia hospitalar é algo encaixado dentro do contexto histórico da saúde nacional, onde as políticas de saúde estão centradas no hospital desde a década de 40, tendo uma prioridade ao modelo clínico/assistencialista e deixando em segundo plano as ações ligadas a saúde coletiva no modelo sanitarista. Diante disso, cria-se a ideia do âmbito hospitalar servir como representante simbólico máximo no atendimento à saúde. Essa ideia é fixada e persiste até hoje, constituindo a razão do por que a psicologia da saúde é referenciada no Brasil como hospitalar (GORAYEB, 2010).

Essa compreensão da psicologia hospitalar da/na saúde, reforça a definição relacionada à atuação do psicólogo, devido à inadequada forma que o local de trabalho é tido como referência determinante na definição do campo que o profissional atua, em vez dessa ligação referencial ser atrelada às suas funções e atividades. Diferente de outros países, onde o psicólogo é totalmente associado à sua prática e não ao local de atuação, tornando a psicologia hospitalar apenas como contexto para a atuação do psicólogo da saúde (CASTRO, BORNHOLDT, 2003).

## **METODOLOGIA**

O modelo metodológico utilizado neste estudo é o de levantamento de dados bibliográficos, sendo caracterizado como uma pesquisa exploratória (Gil, 2002). Este trabalho busca contextualizar o psicólogo em atuação hospitalar e os métodos empregados para o exercício da sua função.



## RESULTADO E DISCUSSÃO

No contexto hospitalar, a atuação especializada do psicólogo foi regulamentada pelo CFP na Resolução 013/2007. Nela, seu serviço se estende a todo campo da saúde, incluindo o campo hospitalar (CFP, 2007). Este, por sua vez, responde a uma demanda que, conforme as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) nos Serviços Hospitalares do SUS (2019, p. 43) “advém de um sofrimento psíquico, em decorrência de uma vivência de adoecimento ou trauma físico”.

Para tanto, o terapeuta se afasta da clínica convencional e aproxima-se da atenção psicológica integrada (CFP, 2019), garantindo uma escuta do sofrimento psíquico do sujeito, que, segundo o CFP, (2019, p.44) “ampliada a três diferentes grupos de atenção: pessoa assistida, família e instituição”, ao tempo que considera a ligação com o biológico e social. Sendo assim, a Resolução 013/2007 aborda o objetivo do psicólogo como responsável por promover o desenvolvimento de atividade nos vários níveis de tratamento (CFP, 2007), “tendo como sua principal tarefa a avaliação e acompanhamento de intercorrências psíquicas dos pacientes que estão ou serão submetidos a procedimentos médicos, visando basicamente a promoção e/ou a recuperação da saúde física e mental” (CFP, 2007, p. 21).

Simonetti (2004) sintetiza a relação dinâmica da escuta exercida pelo psicólogo hospitalar e o estado de adoecimento do paciente hospitalizado. A fim de contextualizar essa ligação, o autor descreve a doença como “um real do corpo no qual o homem esbarra, e quando isso acontece toda a sua subjetividade é sacudida” (2004, p.19). Diante disso, a escuta do psicólogo hospitalar surge possibilitando que a pessoa adoentada fale de sua subjetividade, reintegrando seu lugar de sujeito afastado pela medicina, acionando (SIMONETTI, 2004, p.19) “um processo de elaboração simbólica do adoecimento”.

Conforme Cunha (2007), quando é solicitado o psicodiagnóstico no contexto hospitalar, geralmente a primeira entrevista já faz parte do plano de avaliação, pois, mesmo sem o contato anterior com o paciente já se tem informações prévias sobre ele e o caso em questão, ou seja, o objetivo do exame já está bem definido. A avaliação psicológica no hospital se diferencia das desenvolvidas em outras ocasiões pelo seu aspecto temporal, pois “[...] avalia um momento específico da vida do sujeito frente ao adoecer, tratamento e internação hospitalar.” (GUIMARÃES, 2017, p.71).



A avaliação de pacientes em internação hospitalar deve ser bem manejada. O *rapport* é fundamental para a diminuição da ansiedade e a cooperação do paciente pois, em muitos casos, como na internação psiquiátrica, em função de seu estado mental e/ou quando há muitas interações medicamentosas, deixam-no menos motivado e acessível (CUNHA, 2007). Ainda, segundo a autora, o ambiente por vezes não têm as condições ideais para a avaliação, visto que muitos ruídos e interrupções, sendo esse outro cuidado que o profissional precisa ter, de tomar todas as medidas cabíveis para evitar ao máximo as interferências. A avaliação psicológica tem como instrumentos as entrevistas e os testes psicológicos. No hospital é utilizada em diversos setores, como pediatria, psiquiatria, gastroenterologia, obstetria e ortopedia, realizando psicodiagnósticos, avaliando a estrutura emocional dos pacientes para a realização de cirurgias – quando eletivas –, e no início de processos de reabilitação (CFP, 2019).

No entanto, como a busca pelo atendimento em hospitais se dá por alguma questão de saúde física, a aplicação de uma avaliação psicológica e psicodiagnóstica acaba se tornando inviável quando o paciente não necessita de internação, limitando a ação de acolhimento e entrevista inicial. Já em casos mais graves e que demanda internação, um possível psicodiagnóstico se torna mais viável, como no caso de pessoas em recuperação de cirurgias, mas ainda assim é um processo mais limitado devido ao ambiente hospitalar não fornecer as mesmas condições de privacidade que um consultório oferece (DALLAGNOL, 2010).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observa-se, diante dos elementos apresentados, que atuar demonstra ser um imperativo desafiador e incomum a prática psicológica clínica quando transposta no contexto hospitalar. Da mesma forma, quando observado em detalhes, o psicodiagnóstico hospitalar traça caminhos diferentes, dinâmicos e novos para cumprir com sua função diante das demandas que o sujeito exprime. Apesar do Brasil ser um dos poucos países a proporcionar especialização em psicologia da saúde com ênfase hospitalar, a atuação do psicólogo hospitalar ainda é algo que precisa ser aprimorada e padronizada, pois a identidade desse profissional ainda está em construção quando relacionado a psicologia da saúde.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Ellen. **Psicologia da Saúde x Psicologia Hospitalar: Definições e Possibilidades de Inserção Profissional**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, Brasília, v. 24, n. 3, p. 48-57, set. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n3/v24n3a07.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (BRASIL). **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) nos Serviços Hospitalares do SUS**. Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. 1. ed. Brasília, nov. 2019. 124 p. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/11/ServHosp\\_web1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/11/ServHosp_web1.pdf). Acesso em: 02 jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RESOLUÇÃO CFP N.º 013/2007. Consolidação das Resoluções do Título Profissional de Especialista em Psicologia**, de 14 de setembro de 2007, Brasília. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao\\_CFP\\_nx\\_013-2007.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf). Acesso em: 20 jul. 2021.

CUNHA, Jurema Alcides. Passos do processo psicodiagnóstico. *in*: CUNHA, Jurema Alcides *et al.* **PSICODIAGNÓSTICO - V. 5**. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 105 – 138.

DALLAGNOL, Claudia; GOLDBERG, Karla; BORGES, Vivian Roxo. **ENTREVISTA PSICOLÓGICA: UMA PERSPECTIVA DO CONTEXTO HOSPITALAR**. Revista de Psicologia da IMED, vol. 2, n. 1, p. 288-296, set. 2010. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/40/39>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: [http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf). Acesso em: 25 jun. 2021.

GORAYEB, Ricardo. **Psicologia da Saúde no Brasil**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 26, n. especial, p. 115-122, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/FRYYPBbcthyCtqmjYM93SKj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

GUIMARÃES NETO, Armante Campos; PORTO, Joana D'arc Silvério. **Utilização de instrumentos de avaliação psicológica no contexto hospitalar: uma análise da produção brasileira**. Rev. SBPH Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 66-88. JUL - DEZ. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v20n2/v20n2a05.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de Psicologia Hospitalar: O Mapa da Doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.